

JUVENTUDES DO CAMPO E PRÁTICAS EDUCATIVAS: O CASO DO ASSENTAMENTO MARRECAS EM SÃO JOÃO DO PIAUÍ

Marli Clementino Gonçalves
Universidade Federal do Piauí

Resumo: A pesquisa teve como foco a juventude do campo, especificamente, os/as jovens do Assentamento Marrecas, em São João do Piauí, no processo de construção de suas identidades, a partir das práticas educativas ali vivenciadas. Analisa as contribuições dessas práticas para a construção das identidades dos/as jovens desse assentamento, vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. As categorias analíticas desse estudo foram examinadas a partir dos estudos de Fernandes (1999), Sposito (2005), Carneiro (2005), Gohn (2000), Caldart (2001), Damasceno (2005), Sales (2006), Ludke e André (1986), Melucci (2005), Gatti (2005) e Gaskell (2002), Carvalho (1999), Bourdieu (1996), dentre outros/as. Nos achados da pesquisa, depreendemos que: a) as identidades dos/as jovens são construídas na dinâmica das relações estabelecidas no meio social em que vivem articulando objetividade/subjetividade, sendo a família, a escola, o movimento social e a religiosidade fortes referenciais; b) As práticas educativas construídas e em construção no Assentamento são múltiplas, sendo o resultado dos diferentes processos que a comunidade aciona, seja de modo intencional, como a luta por educação escolar e as conquistas quanto a estruturação do assentamento, ou nas vivências cotidianas. Os/as jovens que, ainda criança vivenciaram esses processos vão nessas movimentações da comunidade se localizando e sendo localizados nas trocas, conflitos e consensos gerados no cotidiano. As teias de relações vivenciadas pelos/as jovens no cotidiano da comunidade e das ações mais amplas do MST oportunizam acessar diferentes espaços de sociabilidade e, portanto, de possibilidades diversas.

Palavras-chave: Juventudes do Campo. Identidades. Práticas Educativas. Relações Familiares.

Introdução

Este trabalho de pesquisa teve como foco a juventude do campo, especificamente, os/as jovens do Assentamento Marrecas, em São João do Piauí, no processo de construção de suas identidades, a partir das práticas educativas ali vivenciadas. Analisa as contribuições dessas práticas para a construção das identidades dos/as jovens desse assentamento, vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. Sendo definido como objetivo geral analisar como as práticas educativas vivenciadas no Assentamento Marrecas (São João do Piauí) têm contribuído

para a construção identitária dos jovens assentados; e como objetivos específicos: Identificar como se constituem as práticas educativas vivenciadas no contexto da família, do trabalho, do movimento social e da escola; Verificar o impacto dessas práticas na construção identitária dos (as) jovens assentados(as).

Segundo Carneiro (1998) até recentemente, a juventude rural passava despercebida pelas pesquisas acadêmicas e projetos voltados para o universo rural. As poucas discussões referem-se ao jovem na condição de aprendiz de agricultor. Sales (2006) observa que muito pouco se conhece sobre os/as jovens do meio rural em vista de não focalizar esses sujeitos, mas a unidade familiar e, contemporaneamente, nas ações desenvolvidas por movimentos sociais do campo. Vistos assim, não são levados em consideração outros processos de socialização vivenciados pela juventude, no cotidiano da vida na comunidade e da sua relação com o mundo, de modo que se apresentam várias questões em aberto: Quem são esses jovens? Como vivem? O que desejam? Como são percebidos e como se percebem? Como se identificam no mundo que os cerca?

Neste sentido, são importantes os estudos que analisam o modo de vida, as relações sociais, as condições estruturais do ambiente, as oportunidades de lazer e acesso a atividades diversas.

No Piauí, contemporaneamente, o protagonismo do meio rural teve início com a manifestação de movimentos sociais que se auto-intitulam “movimentos sociais do campo” realizando ações propositivas e de enfrentamento à situação reinante de concentração e improdutividade da terra; situação esta que historicamente colocou o meio rural e sua gente na condição de atraso, esquecimento e até invisibilidade.

O processo de luta pela terra, organizado e acompanhado por um desses movimentos, o MST, estrutura-se em uma proposta de cunho político e ideológico voltado para a vivência de valores que, por sua vez dão fundamentos a determinadas práticas coletivas e individuais, voltados para o objetivo de tirar o meio rural da condição de não lugar, favorecendo aos seus habitantes a condição de sujeitos.

As discussões travadas na atualidade confrontam as diferentes perspectivas de leitura da realidade. Diferenças que externalizam as interrogações sobre as concepções de homem e de sociedade num mundo em turbulência. A complexidade que nos apresenta a contemporaneidade impele olhar a realidade e interpretá-la nas suas especificidades. E nas particularidades tratá-las no plural, compreendendo o movimento que a sociedade realiza.

Nesta perspectiva, a pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, combinou as técnicas projetivas com o grupo focal para a captação dos dados junto a 50 jovens do Assentamento Marrecas, sendo examinados os trabalhos de Sales (2006), Melucci (2005), Gatti (2005) e Gaskell (2002). Os/as jovens da pesquisa são 32% do sexo masculino e 68% do sexo feminino na faixa etária entre 12 e 29 anos, além dos/as jovens também foi realizado um grupo focal com membros da comunidade para triangular com as falas dos/as jovens.

As discussões dos/as jovens e de membros da comunidade sobre os diferentes aspectos que envolvem a construção identitária juvenil foram analisadas a partir das práticas educativas vivenciadas no cotidiano da comunidade, sendo destaque neste artigo as relações familiares.

2 Juventudes e práticas educativas

As discussões sobre as questões que envolvem a juventude ganham maior relevo na sociedade brasileira a partir da segunda metade do século XX, em que segundo Sposito (2005), Abad (2003), dentre outros, há um aumento da população na faixa etária de 15 a 24 anos. O aprofundamento das desigualdades econômico-sociais se estendia aos jovens de forma mais intensa, pois a juventude já caracterizada como um período da vida marcada por incertezas sofre de forma contundente as conseqüências da crise econômica desta década, recessão, desemprego, visto que este é o período de intensificação do neoliberalismo no Brasil.

Aliado a esses fatores soma-se a disputa do mercado para atrair um público em plena expansão e num período de definições de padrões de comportamento, especialmente, vinculado ao consumo de bens e serviços. Bock (2002, p. 15) observa que o jovem tem sido alvo mais das pesquisas de publicidade que das acadêmico-científicas, ou seja, não se tem discutido com tanta ênfase a juventude na academia tanto quanto o fazem as agências de publicidade na busca de atrair o/a jovem para o consumo cada vez mais estimulado.

Estes fatores, dentre outros, centralizam as discussões sobre a juventude na atualidade com diferentes focos de interesse, nos quais aparecem similitudes e diferenças. No caso das similitudes, parte delas decorre de olhares homogeneizadores,

sendo que alguns são reais, sobretudo aqueles resultantes das desigualdades estruturais como o desemprego e a baixa escolaridade da juventude do campo.

Que práticas educativas estão na base da constituição da identidade juvenil, fornecendo as condições sobre as quais se pavimentam tais identidades? Qual o lugar dos saberes produzidos no cotidiano do assentamento destacados pelos/as jovens? Os jovens têm consciência de que esses processos educativos da/na comunidade interferem no seu jeito de ser? Que sentidos atribuem?

A aprendizagem ocorre na e pela prática. A luta empreendida pelos movimentos sociais foi estudada como o lócus primordial de mapeamento de construtos teóricos advindos desse saber, ou seja, a prática da luta produz conhecimentos que possibilitam a construção de outros referenciais de leitura e de superação dos limites que a realidade apresenta. A este respeito Damasceno (2006) destaca que

A análise da prática educativa embutida nos movimentos sociais compreende um tecido vasto e rico que é investigado, destacando-se como subtemas: o próprio processo de constituição desses movimentos, o estudo do conjunto das ações que seus atores desenvolvem para a construção de sua identidade como sujeitos coletivos, assim como o saber da prática social produzido no cotidiano das lutas camponesas. (p.122)

Como explica a autora, as bases das práticas educativas no âmbito dos movimentos sociais, e neste caso específico do MST, se sustentam, de um lado, nos seus saberes sociais construídos ao longo de suas vidas, com destaque para as vivências após a ocupação da terra, visto que outras experiências sociais que a nova situação produz são experienciadas. Por outro lado, a inserção nas práticas políticas do MST, planejadas e desenvolvidas de forma sistemática através de encontros, cursos, marchas, assembleias, proporcionam o acesso a conhecimentos que contribuem para sedimentar saberes e produzir práticas não experimentadas anteriormente.

Do exposto, é possível afirmar com Damasceno (2006, p.125) que a educação deve estar vinculada às transformações das condições de vida e trabalho do grupo social em que está inserida. Desse modo as empreitadas dos movimentos sociais, e no caso do MST, se “constituem espaços privilegiados de resistência, luta e produção de um saber que traduz a realidade e seus atores”. Nesta compreensão, Damasceno (2006) reitera que

O ato de repensar a Educação e a escola no campo, inclusive o ensino para jovens do meio rural deve necessariamente ser mediado pelos interesses do grupo a quem se destina, porquanto é esta, a instância de compreensão e reelaboração do saber nas relações sociais de produção dos envolvidos (p.125).

As práticas educativas por serem práticas, ou seja, se constituírem na ação, num contexto político, econômico, social e cultural e historicamente situadas que é preciso mapeá-las, uma vez que mesmo possuindo alguns espaços característicos comuns, como a escola, a família, a igreja, e os grupos de amizades, dentre outros, os processos vivenciados se diferenciam pelas estratégias específicas.

A questão central desse estudo “como as práticas educativas vivenciadas no Assentamento Marrecas têm contribuído para a construção identitária dos/as jovens assentados/as”, exige a investigação dos diferentes fatores que estão no cotidiano desses/as jovens. Por este motivo consideramos fundamental abrir as fronteiras teóricas, principalmente, por se trabalhar com grupos plurais e heterogêneos (SCHERER-WARREN, 1987).

Na leitura das práticas é possível definir a identidade pela posição na qual os sujeitos se colocam ou são colocados sob o olhar da sociedade. Sendo assim, quais os elementos que participam com maior influência da formação das identidades dos/as jovens do Assentamento Marrecas?

3 Juventudes do Assentamento Marrecas e relações familiares

O estudo a respeito da identidade pode ser feito sobre diferentes perspectivas. As incursões nas diversas concepções de identidade, por vezes antagônicas, a situam num campo complexo de análises e de possíveis aproximações conceituais. Este construto teórico pode ser discutido por um viés sociológico, antropológico, psicológico, dentre outros, com seus respectivos marcos teóricos e ênfase em determinados aspectos.

Esta assertiva corrobora para a afirmação de que é prudente, na contemporaneidade, discutir a identidade, tal qual a juventude, no plural em razão do

seu “caráter multidimensional e dinâmico” (CUCHE, 2002 p. 196), tendo como características básicas a fluidez e a polissemia que se expressam desde uma concepção de imutabilidade sendo determinante na conduta, até concepções que a compreende mais dinâmica num contexto relacional. Assim, não raro atualmente, são as discussões cujo eixo de análise está centrado nas abordagens sobre juventudes e identidades.

Nestas discussões a família tem sido um dos lugares de construção de identidades juvenis por ser o primeiro vínculo do ser humano no qual se estruturam as condições básicas de compreensão do mundo.

A família, instituição tradicional da socialização humana, tem importante papel na formação dos/as jovens. Bourdieu (1996) observa que a família é uma ficção bem fundamentada que foi inventada recentemente, entretanto, na sua naturalização como instituição é descrita por institutos governamentais como “um conjunto de indivíduos aparentados, ligados entre si por aliança, casamento, filiação, ou, excepcionalmente, por adoção (parentesco), vivendo sob um mesmo teto (coabitação)” (p.124)

Nesta acepção, a família se naturaliza como fundamental da vida em sociedade, sem a qual é difícil pensar o processo de formação humana, uma vez que está no imaginário social que uma das atribuições da família é o cuidado entre os familiares e especialmente para com as crianças e jovens no seu desenvolvimento psicossocial, o que significa também a ligação do espaço familiar com os vínculos afetivos duradouros.

Almeida (1987) esclarece que a família

é uma espécie de matriz que permeia todas as esferas do social: a da política, através do clientelismo e do populismo; e das relações de trabalho e de poder, onde o favor e a alternativa da violência preponderam nos contratos de trabalho e na formação dos feudos políticos, muito mais que a idéia de direitos universais do cidadão; e pro fim nas próprias relações interpessoais em que a personalidade “cordial” do brasileiro impõe pela intimidade e desrespeito a privacidade e independência do indivíduo. Além disso, a matriz da família patriarcal, com sua ética implícita dominante, espalhou-se por todas as outras formas concretas de organização familiar, seja a família dos escravos e dos homens livres no passado, seja a família conjugal mais recente. (p.55-6)

Assim, compreendo a família como uma construção social que dá suporte aos processos formativos do ser humano, sendo um dos principais agentes de socialização,

produtora e reprodutora de culturas e ideologias sociais sofrendo influências e influenciado a sociedade. “A família exerce, desse modo, um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social”. (BOURDIEU, 1996, p.131)

O papel determinante da família para formação social foi destacado pelos/as jovens do Assentamento Marrecas que a reconhecem como importante para suas vidas. A ênfase dos/as jovens foi o diálogo ou a ausência dele no ambiente familiar.

A convivência assim com minha família é boa estou sempre conversando com eles sobre os assuntos do dia a dia que acontece aqui e no mundo. (AJ03, 19 anos, TPTV)

Muitas vezes eu esqueço que a família é a base de tudo, perco a paciência e me torno incompreensível, mais apesar de tudo eu adoro a minha família. (AJ05, 15 anos, TPTV)

Eu acho assim que pelo fato de logo na adolescência a gente tá iniciando a descoberta de novas coisas né, por exemplo, a fase do namoro e a vontade de querer ir pras festas, querer se arrumar, e a convivência não assim pro lado da mãe mas, pro lado do pai ela é complicada porque as vezes ele partia pra cima da gente com ignorância principalmente por não ter o conhecimento que a gente tem hoje, isso acaba desestruturando a família por causa também da rebeldia do jovem que as vezes deixa de obedecer o pai ou a mãe e vai escutar uma outra pessoa. Isso pode atrapalhar muito o relacionamento. (GFJ01, 21 anos)

As dificuldades quanto ao diálogo entre os jovens e seus familiares também foi apontada pelos pais e educadores quando da técnica de grupo focal. Existe a compreensão de que é necessário estabelecer o diálogo, mas, os conflitos são comuns, conforme explicitam as falas de pais e mães de jovens do Assentamento.

Eu vi um dia uma mãe desses jovens que gostam de colocar esses sons aí na rua aí né, vinha reclamando o menino, e eu sentado lá no muro e vendo aquele jeito né, ela reclamando né e ficaram em tempo de se pegar né, ela queria uma música e ele queria outra e ela dizendo: mas essa música que você tá ouvindo é de cabaré, é música de não sei o quê, e ele não tava nem aí com a mãe, então eu acho que a escola deveria bater nessa questão, trabalhando isso aí né, porque a escola é onde o jovem tá, eu sei que não dá jeito mas pelo menos leva uma coisa mais razoável. (GFC, Assentado há 19 anos)

Eu também pela minha própria experiência tenho jovem em casa, olha é complicado a gente lidar com jovem, logo eles tem uma certa fase que se você não tiver um pulso muito forte ele é capaz de lhe dominar né, as vezes eu tenho um que as vezes ele quer fazer o que quer mas não é assim tem que barrar, agora assim com relação a violência acho que aqui dentro do assentamento a gente nunca ouviu falar de brigas entre pais e filhos mas as vezes assim a gente fala o jovem não quer atender, você sabe assim jovem é um pouco rebelde que fazer um pouco o que quer.(GFC, Assentada há 14 anos)

Olha acho que é assim, nessa questão do diálogo há um distanciamento da família com o jovem, principalmente por conta dos pais não saberem como fazer esse diálogo por conta do jeito que nossos pais nos criaram, nossos pais não tinham esse diálogo e eu vejo assim a falta da gente não saber falar com eles sobre o mundo, eu percebo isso e nós estamos necessitado de fazer esse diálogo viu.(GFC, assentado há 10 anos)

As dificuldades tão crescendo assim e eu vejo assim lá em casa que mesmo os filhos tando tudo grande já, eu tenho essa dificuldade de conversar, não sei se é uma cirimunha, ou não sei se é um certo, ou o jeito que eu fui criado mas eu sei que é um cultura difícil, eu sei que os pais mais novo vão ter aquele jeito mas os pais da minha idade né tem dificuldade, mas é uma dificuldade que agente se comporta né, não tem muita alteração até hoje num chegou assim a altura de haver alteração, só que é como ele falou não sei até quando vai ser assim mas o certo e que com os tempos passando pode acontecer coisas graves, eu não digo nem muito longe porque as tecnologias tão aí ensinando de um tudo pros jovens e se a gente não cuidar, sei não. (GFC, Assentado há 19 anos)

A falta de comunicação entre jovens e família se amplifica quando se refere ao diálogo do pai com a filha. Aspecto que foi destacado pelos pais e também pelas jovens, sinalizando o reconhecimento das limitações.

Acho que essa questão já é uma questão cultural e eu trabalho como professor e tenho essa dificuldade de diálogo com minha filha, acho que com o filho é mais fácil, mas com a filha fica meio acanhado e aí agente encarrega a mãe (risos). (GFC, assentado há 10 anos)

Olha isso aí é verdade viu, do pai ter mais dificuldade de conversar com as filhas. Lá em casa outro dia, uma de minhas filhas pediu pro pai dela trazer um sutiã com alça de silicone e ele disse “o que é alça de silicone menina? Eu sei lá o que diabo é isso, pra que é que tu quer sutiã se nem peito tu tem ainda “aí ela levantou a blusa e disse assim olha aqui pai eu tenho olha o tamanho e ele ficou agoniado e disse baixa minha filha essa blusa, muié cuida dessas meninas mulher! Ele ficou doidinho (risos).(GFC, Assentada há 19 anos)

A família rural brasileira estrutura-se no modelo patriarcal em que a autoridade do homem sobre a mulher e os/as filhas ainda é culturalmente hegemônica. Entretanto, Castells (1999) afirma que o patriarcalismo, predominante nas comunidades rurais, “é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas” (p.169). Mas, a família baseada neste modelo vem enfraquecendo e, mesmo no meio rural, as mulheres conquistam relativa liberdade e independência, os/as jovens também se destacam, especialmente pela contribuição como força de trabalho na unidade familiar.

É possível inferir que as relações familiares no assentamento, a exemplo da sociedade brasileira, são um misto de conflitos e entendimentos. Sendo que a maioria dos/as jovens pesquisados destacam a boa convivência e a busca constante do diálogo no ambiente familiar. Os vínculos intergeracionais vêm sendo alterados por intensas e aceleradas transformações socioculturais na sociedade. Essas alterações têm modificado as formas de articulação entre as diferentes gerações. A possibilidade de trocas de informações dos/as jovens na família e de influenciar seus pais é um aspecto destacado como positivo pelos jovens favorecendo que as relações entre as gerações de fortaleçam.

Ademais, é possível perceber ainda que a família é uma das principais referências juvenis, lugar onde se formam, constroem valores e vínculos afetivos, vivem desentendimentos e conflitos.

Considerações Finais

A constituição do assentamento de reforma agrária, ou seja, de conquista da terra, acompanhados por um movimento social exige alterações na dinâmica das relações entre as famílias, que muitas vezes, vêm de lugares e costumes diferentes. Esse encontro do diverso possibilita a construção, não sem atritos, de redes de interações diversas.

As práticas educativas construídas e em construção no Assentamento são múltiplas, sendo o resultado dos diferentes processos que a comunidade aciona, seja de

modo intencional, como a luta por educação escolar e as conquistas quanto a estruturação do assentamento, ou nas vivências cotidianas. Os/as jovens que, ainda criança vivenciaram esses processos vão nessas movimentações da comunidade se localizando e sendo localizados nas trocas, conflitos e consensos gerados no cotidiano.

As diversas juventudes, experienciadas em espaços diferentes com as especificidades concernentes as práticas educativas vivenciadas, sinalizam a importância de não estudá-los homogeneamente. As vivências com os/as jovens nas diferentes atividades no período da pesquisa, a observação do cotidiano da comunidade, a participação em atividades promovidas pelo MST no assentamento e em outros espaços permitem afirmar que as identidades dos/as jovens do Assentamento Marrecas não têm como expressividade apenas o aspecto do trabalho, lazer, educação, família, movimento social, mas o conjunto dos diversos processos em que estão inseridos.

Referências

ABAD . M. **Crítica política das políticas de juventude**. In: FREITAS. M. V. de. & PAPA. F. de C. (Orgs). **Políticas públicas: Juventude em pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa.2003. p.13-32.

ALMEIDA. A. M de. **Pensando a família no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

BOCK S. D. **A inserção do jovem no mercado de trabalho** ABRAMO, H. W. FREITAS, M.V. de. SPÓSITO, M. P. (org). **Juventude em debate** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.p. 11 a 16

BOURDIEU, P . **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papius, 1996.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

CARNEIRO, M. J. **O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais**. In: TEIXEIRA DA SILVA, F.C., SANTOS, R., COSTA, L.F.C. (orgs.). **Mundo Rural e Política**. Rio de Janeiro: Campus/Pronex, 1998.

_____. **Juventude rural: projetos e valores.** In: ABRAMO, H. Wendel & BRANCO, P. M. (orgs.). Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.p.243-262.

CARVALHO, H.M de. **A interação social e as possibilidades de coesão e de identidades sociais no cotidiano da vida social dos trabalhadores rurais nas áreas oficiais de reforma agrária no Brasil.** NEAD, 1999.

CUCHE, D. Cultura e identidade. In: _____. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 2002, p 175-202.

DAMASCENO, M. N .**Reflexões acerca da educação do campo e uma pedagogia para a educação do jovem rural.** In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de(Org.) Jovens e crianças: outras imagens. Fortaleza: UFC, 2006.p.122-135.

DAMASCENO, M. N. SALES, Celecina de Maria Veras. (Coords) et all. **O caminho se faz ao caminhar: elementos teóricos e práticas na pesquisa qualitativa.** Fortaleza: UFC, 2005.

FERNANDES, B. M. **MST: Formação e territorialização.** São Paulo. Hucitec. 1999.

GASKELL, G. & BAUER, M. W. (editores) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GATTI, B. A.**Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005.

GOHN, M. da G. **Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MELUCCI, A. **Por uma sociologia reflexiva; pesquisa qualitativa e cultura.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SALES, C.de M.V. Criações coletivas da juventude no campo político: Um olhar sobre os assentamentos rurais do MST. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

SCHERER-WARREN, I. e KRISCHKE, P. (org.). Uma revolução no cotidiano? Os novos movimentos sociais na América do Sul. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SPOSITO, M. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel & BRANCO, Pedro Martoni (orgs.). Retratos da Juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.